

QUESTÕES DE APOLOGIA E DE NORMA NA LINGUÍSTICA  
MISSIONÁRIA PORTUGUESA: ARTE DA LINGOA DE IAPAM  
DE J. RODRIGUES (1604-1608)

LINGUISTIC APOLOGIA AND NORMALIZATION QUESTIONS IN  
PORTUGUESE MISSIONARY LINGUISTICS: THE CASE OF  
THE JAPANESE GRAMMAR BY J. RODRIGUES (1604-1608)

Marina A. Kosarik

Universidade Estatal de Moscou Lomonosov

olissimo@yandex.ru

RESUMO:

No artigo estudam-se alguns aspetos da sociolinguística na primeira gramática do japonês (1604-1608) do missionário português João Rodrigues. A exposição de questões de apologia e de norma (riqueza, funções, variação social e territorial da língua), fenómeno incomum em gramáticas de línguas exóticas da época, causado pela especificidade da situação sociolinguística no Japão, tem paralelos com gramáticas de vernáculos. A obra de Rodrigues, além de ser a primeira gramática do japonês, espalha as ideias da linguística europeia a um novo tema da descrição de línguas exóticas e confirma a hipótese da universalização das ideias de apologia e de norma.

PALAVRAS-CHAVE: historiografia linguística, linguística portuguesa dos séculos XVI e XVII, gramáticas missionárias, norma, apologia da língua.

ABSTRACT:

The present paper deals with certain sociolinguistic aspects in the first grammar of Japanese (1604-1608) written by a Portuguese missionary João Rodrigues. The treatment of language norm and apology (a language's richness, functions, social and spatial variation), an uncommon phenomenon for exotic languages' grammars of that period, is due to a specific sociolinguistic situation in Japan and has some parallels with vernacular grammars. Rodrigues's grammar, apart from being the first grammar of Japanese, enriches the description of exotic languages with a new theme of European Renaissance linguistics, and confirms the hypothesis of universal character of language apology and norm.

KEYWORDS: linguistic historiography, history of linguistic thought, XVI-XVII cc. Portuguese linguistics, missionary grammars, language norm, linguistic apologia

## Introdução

Estudando gramáticas missionárias dos séculos XVI e XVII, historiógrafos concentram-se predominantemente na tipologia ou, mais raramente, em tais inovações que surgem na prática da descrição gramatical deste período, como questões do discurso ou da linguodidática (ZWARTJES, 2011; ZWARTJES, GREGORY, RIDRUEJO, 2007; KOSSARIK, 2003, 2016, 2017, 2018<sup>a</sup>).

No entanto, a linguística missionária reflete também outros rasgos típicos da época, entre os quais a problemática sociolinguística. A obra de João Rodrigues<sup>1</sup> (RODRIGUES, 1604-1608) é um dos exemplos mais significativos da atenção às questões de apologia<sup>2</sup> e de norma na tradição gramatical missionária portuguesa dos séculos XVI e XVII.

Gramaticógrafos escrevem sobre a história da criação da *Arte da Lingoa de Iapam*. “Supõe-se que a Arte escrita por João Rodrigues foi impressa em dois momentos diferentes. Isto é, a primeira metade do texto foi impressa em 1604 e o restante em 1608. Há uma diferença clara na impressão dos fôlios até f. 94, e de f. 95 em diante” (MARUYAMA, 2011 / 2012, p. 72-73). Maruyama supõe a participação de colaboradores na criação da obra de Rodrigues: “Embora não sejam referidos, terá havido colaboradores indígenas com o elevado nível de alfabetização. Em todas as obras linguísticas publicadas pelos jesuítas é mencionado o nome do autor/editor ou simplesmente escrito: ‘compilado pelos padres ou irmãos jesuítas’. Em nenhum dos casos é referido no texto o nome dos colaboradores indígenas. É quase impossível imaginar que dicionários ou gramáticas [...] fossem compilados apenas pelos missionários portugueses. No caso da *Arte* (Grande), há, pelo menos, evidência substancial que indica a participação de especialistas de uma particular escola de estudos chineses na compilação da gramática, mesmo que na página do título apenas apareça o nome do Pe. João Rodrigues” (MARUYAMA, 2011 / 2012, p. 71). Existe a segunda edição, ou, melhor dito, versão da gramática. “Rodrigues published

<sup>1</sup> Padre João Rodrigues «Tçuzu» (*intérprete*), SJ (1562-1633).

<sup>2</sup> Este termo, que designa a corrente da defesa de vernáculos na linguística renascentista, é bastante usado na historiografia (BUESCU, 1978, p. 38-48; BUESCU, 2000; LIOCE, SWIGGERS, 2016). Neste artigo é aplicado, por analogia, à defesa do japonês.

two Japanese grammars, the ‘Arte da lingoa de Iapam’ [Art (of Grammar) of the Japanese Language] (Nagasaki 1604–1608) (henceforth ‘large grammar’) and an abridged version, the ‘Arte Breve da Lingoa Iapoa tirada da arte grande da mesma lingoa, pera os que começam a aprender os primeiros principios della’ [Short Art (of Grammar) of the Japanese Language taken from the large grammar of the same language, for those who start learning the first principles from her] published in Macau in 1620 (henceforth ‘short grammar’). The large grammar ‘[...] was too long, containing too much material which was not relevant for the practical teaching of the Japanese language’ (Zwartjes, 2011, p. 97). The shorter version had already been finished and printed in Macau, and his ‘[...] main purpose was to publish a more accessible textbook for beginners [...]’ (Zwartjes, 2011, p. 97). However, Barron and Maruyama (1999, p. 6) believe that ‘[...] this is not just a compendium of the Arte (Grande) of 1604–08, but a thoroughly refined or elaborated version’ ” (FERNANDES, ASSUNÇÃO, 2018, p. 190-191). Segundo Tashiro, a versão de 1620, sendo menos detalhada e melhor organizada, atinge objetivos didáticos com maior eficiência: “Caracteriza-se por uma melhor organização e sistematização na apresentação dos tópicos do assunto tratado, o que não ocorre na *Arte da Lingoa de Iapam*, na qual a abundância e a variedade das informações e regras causam ‘confusam’ aos que começam a aprender a língua japonesa” (TASHIRO, 2004, p. 208). O nosso artigo está baseado na primeira edição da obra (RODRIGUES, 1604-1608) por ser mais detalhada e fornece mais fatos linguísticos.

É claro que a historiografia missionária presta atenção à apologia e à norma (FLORES FARFÁN, 2007, 2009, 2010; KLÖTER, 2018, p. 40; TASHIRO, 2004). Porém, Zwartjes, destacando o aparecimento dos estudos dedicados a esta temática, (ZWARTJES, 2012, p. 210), escreve sobre “this neglected topic in the field of missionary linguistics, namely the codification and study of the variable nature of language in relation to the socio-cultural, ideological, political and historical contexts” (ZWARTJES, 2012, p. 203).

## **1. Condições que determinam o caráter da gramática de Rodrigues**

As particularidades da gramática de Rodrigues estão determinadas tanto pelo contexto científico e sociocultural de Portugal, como pela situação no Japão.

Um rasgo característico da linguística portuguesa da época é a coexistência das correntes típicas da linguística europeia renascentista, concentrada primordialmente na defesa e codificação de vernáculos, com a conservação de certas ideias típicas da gramática medieval, o que condiciona um leque muito amplo da temática das obras dos autores portugueses das décadas anteriores a Port Royal (KOSSÁRIK, 2002, 2003, 2015, 2016, 2017, 2018<sup>a</sup>, 2018<sup>b</sup>).

A *Arte* de J. Rodrigues é um exemplo nítido desta amplitude temática na tradição gramatical missionária do Portugal do início dos quinhentos. O autor da obra, para a qual a problemática tipológica é essencial, no entanto, presta bastante atenção às questões sociolinguísticas (ao entendimento do papel do idioma nacional para o estado, do paradigma funcional da língua, à codificação dela).

O tema da apologia aparece também em outras descrições de línguas “exóticas” (KOSSÁRIK, 2003, p. 112-113), mas, ao contrário de Anchieta ou Figueira, que apresentam língua de índios do Brasil, e até de Estêvão, autor da gramática de canarim (concani), Rodrigues descreve o idioma com notável tradição da escrita, que se usa em várias funções.

Quanto à situação sociolinguística no Japão, Maruyama, com base das fontes missionárias do século XVI, anteriores à gramática de Rodrigues, destaca a existência de um grande número de textos escritos em japonês, um alto nível da alfabetização, o uso do japonês como o único meio da comunicação oral<sup>3</sup> e a permanência de dialetos (MARUYAMA, 2011/2012, p. 66-70). Assunção e Fernandes citam cartas missionárias com a informação da origem da escrita japonesa (ASSUNÇÃO, FERNANDES, 2017, p. 64-65)<sup>4</sup>.

A especificidade da situação sociolinguística contribui à ampliação da matéria da descrição do japonês, na qual Rodrigues presta muita atenção aos aspetos de apologia e de norma, que ocupam um lugar tão importante nas gramáticas dos vernáculos.

---

<sup>3</sup> Fato que, segundo o investigador, fez possível a transliteração para o alfabeto romano.

<sup>4</sup> Padre Baltasar Gaga descreve a origem das letras japonesas: ‘Neste tempo nao tinhao letras: este principio avera dous mil e duzentos annos. Dahi a muito tempo vierao as letras da China, que com dificuldade se aprendem, e o primeiro livro veo da China. Daqui tomarao huns caracteres e maneira de letra, com que se entendem muito mais facilmente que com as letras da China’ (Cartas 1993 I, f. 100)’.

## **2. Participantes da situação sociolinguística**

Rodrigues presta atenção à questão da completude do paradigma funcional das línguas que participam na situação sociolinguística da mesma maneira, como os autores das descrições de línguas europeias examinam a correlação entre o latim e os vernáculos. Seguindo este princípio, o gramático caracteriza a concorrência entre chinês e japonês. O gramático missionário salienta a peculiaridade do japonês, que se usa em distintas situações comunicativas e em diversos estilos, variando-se o grau de influência da língua chinesa sobre o japonês. É marcado o uso do chinês em textos religiosos. Rodrigues compara o papel do chinês na formação da língua literária japonesa com o valor do latim na ilustração do vernáculo.

Toda a coufa na lingua Japoa de ordinario tem dous nomes significados por estes dous vocabulos, Va, Can, ou Can, Va, que quer dizer China, & Japão: hum se chama Coye, que significa a lingua China, outro Yomi que significa a lingua natural de Japão; & por esta cauza a lingua Japoa ou he naturalmête puro Yomi, sem mistura de Coye: ou he Yomi, com pouca mistura de Coye, a q̃ he a cômua, & usada de todos, ou cõ muyta mistura de Coye, a qual he mais grave, & de q̃ cômumête usam os Iapões e suas escrituras, & de que usa a gente grave, & letrados; ou he soamente pura Coye, escurissima, da qual usam os Bonzos nos livros de suas feitas. (RODRIGUES, 1604-1608, Advertencias). A causa porque os Iapoens construindo foram pera star como nos no Latim, he porque a lingua do Coye que em substancia he a de China, donde vieram as letras, ou caracteres, he direita como consta atras, & a lingua do Yomi que he propria & natural de Iapam, tem contrario ordem no falar & pronunciar as mesmas partes: porque o que no Coye he primeiro, em oraçam perfeita que tem verbo, no Yomi se diz derradeiro, posto que no escrever tem a mesma ordem que lingua Coye (RODRIGUES, 1604-1608, f. 186). Deste modo, as ideias da linguística europeia se aplicam ao japonês.

## **3. Cópia da língua japonesa**

A descrição do japonês abre-se com a afirmação do valor, da riqueza e elegância, desta língua que tem uma longa tradição da escrita.

esta lingua he tam copiosa & abundante [...] quem quizer falar polida & elegãtamente se de muyto á lição dos livros que os autores graues de Iapão compuserão

de fuas coufas, porã nelles està encerrada a pura & elegãte lingoa a qual nẽ aynda os mejmos naturaes fem este estudo sabẽ perfeytamente (RODRIGUES, 1604-1608, Proemio).

Achando na morfologia do nome e do verbo falta de algumas formas, Rodrigues salienta a riqueza do léxico japonês. Menciona-se também a possibilidade de expressar em japonês certos significados por meios verbais, onde os portugueses recorrem aos meios não verbais.

E posto ã esta lingua ã algũas cousas seja defectuosa por carecerẽ os nomes de variedades de casos, & não terẽ distinção de numero plural, & singular, nem de genero, & os verbos carecerem de variedade de pessoas, & de plurala, & singular, & por outros defectos que não se achão nas lígoas de Europa: toda via por outra parte he muy copiosa, & elegante assi pollos muytos vocabulos que tem pera significar hũa mesma cousa, hũs mais proprios que outros, como pollas varias composições de hũs verbos com outros, & dos nomẽs entre si: as quaes composições com brevidade , & energia exprimẽ cousas, & açções ã em nossas lingoas não se podem bem exprimir, ou não sem rodeos. & assi mesmo pollos muitos adverbios ã com grãde propriedade significão particulares circunstâncias das cousas, & das açções: de sorte que em gram parte o ã nos significamos com gestos, & movimẽtos de mãos, significão os Iapões cõ suas composições, & adverbios: mas no que esta lingoa se assinala, & he diversa de quantas temos noticia, he na maneira de respeito, & cortejas que incluimos nos modos de falar quãsi univervalmente: por que tem verbos acõmodados pera falar de peçsoas, & com peçsoas baixas, & altas, & tẽ varias particulas que se ajutam aos verbos, & nomcs, respeitando sempre a peçsoa cõ quẽ, de quẽ, & de ã cousas fala pera usar de taes partictilas, & verbos conforme a qualidade de cada hũ; de modo que se não pode aprender sem juntamente se aprender a falar com honra, & cortejã (RODRIGUES, 1604-1608, Advertencias).

Afirmando a cópia do japonês, a sua capacidade de exprimir significados brevemente e por vários meios, superando em certos casos línguas europeias, Rodrigues coincide com Severim de Faria (FARIA, 1624, f. 62-86). A linguística portuguesa dos séculos XVI e XVII testemunha a crescente tendência à recusa da visão hierárquica das línguas, que resulta da universalização das ideias de apologia (KOSSARIK, 2015), e a gramática de Rodrigues é mais uma comprovação desse processo.

#### **4. Testemunhos de variação funcional, social, territorial**

Já na introdução da gramática japonesa Rodrigues marca a diferença entre a oralidade e a escrita, a oposição da linguagem quotidiana e livresca. O autor constata a existência de dialetos territoriais e sublinha que descreve predominantemente a fala da zona da capital, orientando-se à linguagem da nobreza da corte, de escritores, tanto antigos como contemporâneos. A língua da elite educada contrapõe-se a fala de camadas sociais baixas e dialetos territoriais<sup>5</sup>, maiormente avaliados negativamente.

Tambem os Iapões por nenhum modo escrevem suas escrituras com o estilo vulgar com que falão, mas hũ he o estilo da pratica & o falar quotidiano, outro o da escritura, de livros, & cartas, muy diferentes entre si na fraze, nas terminações dos verbos, & particulas de q̃ ufam: & por esta causa no discurso desta Arte dizemos, assi se ufa na pratica, & assi na escritura: donde tambem se segue q̃ esta lingua contem em si quase duas, convẽ a saber, lingua da pratica, & lingua da escritura. [...] No segundo livro se trata da syntaxis <...> & dos barbarismos: onde se poem algũs modos de falar particulares de certos reynos, & lugares, & se trata dos accentos, & modo de pronunciar desta lingua (RODRIGUES, 1604-1608, Advertencias). esta lingua, da qual ufaram os autores graues, antigos, & modernos, que na lingua de Iapão falam, ou escrevem pura, & elegantemente: & o modo corrente de falar aprovado, & recebido em todo Iapão da gente graue, & entendida em suas letras, mayormente a lingua de Miaco ufada dos Cugues, entre os quaes se conserua a pura, & elegante lingua, & modo de pronunciar de Iapão; & não qualquer modo de falar, de que alguns dos naturaes ufam impropriamente em diversos reynos, & lugares de Iapão, que tem varios abusos, & modos de falar improprios, que nesta lingua sam vicio, e barbarismo (RODRIGUES, 1604-1608, f. 83). a linguagem de Miyaco he a melhor, & a que se deve imitar nas palauras, & modo de pronunciar (RODRIGUES, 1604-1608, f. 169).

Rodrigues marca a especificidade do discurso feminino.

por Yo, Yono, Zo, ufam as molheres, ou os homens falando com molheres, de Bauo, Vt, Mairubauo (RODRIGUES, 1604-1608, f. 169).

---

<sup>5</sup> Dos “reinos” Chũgocu, Bungo, Fijen, Figo, Chicugo, chicujen, Facata, Ximo, Bijen, Quantô, ou Bandô.

O Livro II da *Arte* contém uma secção especial “De alguns abusos de falar, e pronunciar propios de alguns reynos” (RODRIGUES, 1604-1608, f. 169), onde exemplifica a variação territorial em vários níveis:

#### fonético

Os do Chũgocu na pronũciaçam excedé no Firogaru, abrindo demaſiadamẽte a boca, dando certo ſoaſonete alto. Vt, Narumà, por Narumai [...]. Os deste reyno [Bungo] tambem, fazem o Firogaru demaſiado, & tem no falar, hum ſonsonete muy conhecido, & auilnado. [...] E, & O, antes do, I, o mudam em, i, Vt, Rei, dizem Rij [...]. [Quantô. I. Bandô] Nas partes de Figaxi de Micaua pera o fim de Iapam, em geral o falar he aspero, & agudo, & comem muytas ſyllabas (RODRIGUES, 1604-1608, f. 169-170);

#### morfológico

[Bungo] Vſam do verbo negativo, Zaru, como Chũgocu. Vt, Narauazatta [...]. [Fijen, Figo, Chicugo] Item por Yo, Yono, Zo, uſam as molheres, ou os homens falando com molheres, de Bauo, Vt, Mairubauo <...>. Item, acrescentam aos verbos as particulas, Saxemexi, xemexi, que tem o grao de bon a de, Rate, que no Miyaco usa, Saxemaxi, xemaxi [...]. Item, no imperatiuo, acabado em Yo, Vt, Agueyo, Miyo, &c. mudam o Yo, em Ro, Vt. Miro, Xero, Aguero [...]. [Ximo] No modo potencial uſam de, Rõ, Tçurõ, Dzurõ: que no Miyaco dizem, Monode arõzu [...]. [Bijen] As raizes dos verbos adiectiuos acabados, em ô, õ [...], quando se ajuntam a outros verbos, acrescentam a particula, Ni. Ut, Viexũni zonzuru [...]. [Quantô. I. Bandô] No futuro do indicatiuo usam muyto da particula, Bei, Vt, [...] Agubei, Yomubei [...]. No negatiuo, em lugar de, Nu, uſam do verbo, Nai. Vt, Aguenai Yomanai [...]. (RODRIGUES, 1604-1608, f. 169-170);

#### lexical

[Fijen, Figo, Chicugo] Tem muitas palauras barbaras, aſſi como tambem outros reynos [...]. [Ximo] Ha muytos vocabulos barbaros, Vt. Angai [...]. [Quantô. I. Bandô] tem muytas palauras barbaras, y proprias daquellas partes (RODRIGUES, 1604-1608, f. 170).



## 5. Questão da metalíngua

No limiar dos séculos XVI e XVII o assunto do idioma da descrição gramatical ainda continua atual. Seguindo os autores das primeiras gramáticas, os missionários criam as suas obras em português, o que testemunha a consolidação das funções do vernáculo como metalíngua. Na maioria dos casos as peculiaridades de língua exótica demonstram-se em todos os níveis do sistema através de português.

Grafemas portugueses servem para apresentar a fonética da língua descrita<sup>6</sup>. Rodrigues compara as vogais japonesas com as portuguesas, ilustrando as comparações com exemplos portugueses.

### DO FIROGARV.

O modo de pronunciar, õ, Firogaru, he como fe o eſcreuefemos com dous, oo. Vt, Xõ, Xoo, Tõ, Too: ou aſi como quando dizemos no português v.g. Minha auõ, capa de dõ, enxó, ilhõ, filhõ, Nõ, [...], muito pô & outros ſemelhantes com a boca aberta (RODRIGUES, 1604-1608, f. 175v).

Por intermédio de português exprimem-se significados de lexemas e de formas gramaticais.

Nominatiuo. Aruji. I, Arujiua, ga, no, yori, Senhor, ou dono (RODRIGUES, 1604-1608, f. 1).

Da conivgaçam de gozaru, verbo substantivo ſe declina no modo ſeguinte  
Tempo preſente do modo indicatiuo.

Vare	Degozaru.}	Eu sou.
Nangi	Degozaru.}	Tu es
Are	Degozaru.}	Elle he.
Numero plural.		
Varera	Degozaru.}	Nos somos.
Nangira	Degozaru.}	Vos soys
Arera	Degozaru.}	Elles são.

<sup>6</sup> Daqui o termo “romanização” no estudo da gramaticografia missionária: “foi efetivamente Francisco de Pina o criador do sistema de romanização (ortografia baseada nos caracteres latinos) do idioma vietnamita, através da influência de João Rodrigues «Tçuzu», a semelhança do que este havia feito para o Japonês” (ASSUNÇÃO, FERNANDES, 2017, p. 75).

Preterito imperfeito.

Degozaru. }	
}	Eu era, tu eras, &c.
Degozatta. }	

(RODRIGUES, 1604-1608, f. 3).

Todavia, a língua latina não está completamente eliminada pelo português: assinalando a ausência da declinação nominal em japonês, Rodrigues, não o compara com português, mas com o latim.

Os nomes substantiuos & pronomes da lingua Iapoa [...] não se declinão por caſos como os latinos, mas ſão idiclinaveys, & tem certas particulas, ou artigos, os quaes, pospostos dos nomes reſpondẽ aos caſos latinos (RODRIGUES, 1604-1608, f. 1).

A terminologia usada por Rodrigues difere-o, de certo modo, dos autores de outras gramáticas missionárias. Anchieta, Figueira e Estêvão aplicam aos idiomas que descrevem o único termo “língua”, usando o termo “linguagem” apenas para denominar palavra, forma gramatical, construção ou oração. Rodrigues, ao contrário, emprega os dois termos, ambos atribuídos ao idioma. As condições especiais da existência do japonês determinam umas particularidades não só do objetivo e do conteúdo da obra de Rodrigues, mas também os termos que designam os conceitos “língua”, “fala”. Tocando os temas de dialetos, da fala coloquial, da oralidade e da linguagem escrita, da língua elaborada literária, ou seja, à problemática que aproxima esta gramática missionária às obras dedicadas aos vernáculos, Rodrigues acode ao mesmo sistema terminológico que se elabora na linguística renascentista europeia para descrever a língua nacional – língua, linguagem, pratica, falar, estilo.

a lingoajem de Miyaco he a melhor, & a que ſe deue imitar nas palauras, & modo de pronunciar (RODRIGUES, 1604-1608, f. 169). hũ he o eſtũlo da pratica & o falar quotidiano, outro o da eſcritura, de livros, & cartas, [...] eſta lingua contem em ſĩ quaſe duas, [...] lingua da pratica, & lingua da eſcritura (RODRIGUES, 1604-1608, Advertencias).

## Conclusão

A obra de Rodrigues reúne duas características básicas da linguística dos séculos XVI e XVII:

- a. aplica-se o modelo único à descrição de um crescente círculo de línguas, com a base do cânone clássico, revelando, como resultado, fundamentos universais da organização de línguas. Neste âmbito a obra de Rodrigues assemelha-se a outras gramáticas, tanto a descrições missionárias de línguas exóticas, como às de vernáculos;
- b. presta-se atenção às condições da existência de línguas. A dedicação de Rodrigues à temática sociolinguística, distinguindo o autor da gramática japonesa de outros missionários, aproxima-o aos gramáticos de vernáculos.

A introdução à prática gramatical missionária do estudo da problemática sociolinguística, bastante incomum para gramáticas de línguas exóticas, é causada pela especificidade do contexto sociocultural da existência do japonês que o distingue de outras línguas exóticas na época estudada, e é notável que Rodrigues atende a este fato.

Os tópicos presentes na gramática missionária do japonês (questões de apologia e de norma) concordam com os correspondentes temas das descrições de vernáculos. Rodrigues

- a. destaca que japonês tem uma antiga tradição da escrita e é uma língua rica, elaborada, elegante;
- b. presta atenção às funções da língua, à correlação entre o japonês e o chinês (aludindo a correlação entre o latim e português);
- c. examina a variação social e territorial do japonês (exemplificando-a com fatos fonéticos, morfológicos, lexicais).

Chama atenção o assunto da metalíngua:

- a. a *Arte* reflete a crescente tendência de eliminar o uso do latim da descrição gramatical;
- b. é notável o paralelismo do emprego dos termos que designam noções de “língua”, “fala” entre autores das descrições do português e Rodrigues, divergindo-se este dos missionários Anchieta, Figueira, Estêvão.

Deste modo, a obra de João Rodrigues, além de ser importante para o estudo da tradição missionária como a primeira gramática do japonês, ocupa um lugar significativo na historiografia linguística como exemplo da universalização das ideias de apologia e de norma que, elaboradas no contexto europeu (na descrição de vernáculos), alargam-se ao círculo de línguas muito mais amplo.

## Referências

- ANCHIETA, José de. **Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do brasil**. Coimbra: Antonio de Mariz, 1595.
- ASSUNÇÃO, Carlos da Costa. Portuguese missionary work and inter-linguistic contact in the East. In: **Metamorfoses: 25 anos do Departamento de Letras, Artes e Comunicação**, p. 91-117, 2011..
- ASSUNÇÃO, Carlos da Costa. Primeiros ecos da lusofonia no oriente: dos descobrimentos à produção metalinguística. In: BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa (org.). **Língua portuguesa e lusofonia: História, cultura e sociedade**. EDUC-Editora da PUC-SP, 2017. [https://books.google.ru/books?hl=pt-PT&lr=&id=SqKmDgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1976&dq=Rodrigues+arte+da+lingua+de+Jap&ots=RjnHQp9RbN&sig=Ml2LSwtw4qREt\\_r5zCvn2UR2CEk&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f](https://books.google.ru/books?hl=pt-PT&lr=&id=SqKmDgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1976&dq=Rodrigues+arte+da+lingua+de+Jap&ots=RjnHQp9RbN&sig=Ml2LSwtw4qREt_r5zCvn2UR2CEk&redir_esc=y#v=onepage&q&f) (28.04.2019).
- ASSUNÇÃO, Carlos da Costa; FERNANDES, Gonçalo. Contributos da Língua Portuguesa para as descrições das Línguas do Oriente. In: OLIVEIRA, Isabel de. (coord.). **Lusofonia e Francofonia: a aliança da “Iatinoesfera”**. Porto: Edições Afrontamento, Lda., p. 61-79, 2017..
- ASSUNÇÃO, Carlos da Costa; TOYOSHIMA, Masayuki. Introduction. In: ASSUNÇÃO, Carlos; TOYOSHIMA, Masayuki (Ed.). **Emmanuelis Aluari e Societate Iesu de Institutione Grammatica Libri Tres**. Coniugationibus accessit interpretatio Iaponica. In collegio Amacusensi Societatis Iesu cum facultate superiorum. Anno MDXCIII. Tokio: Yagi Bookstore, 2012.
- BARRON, J. Patrick; MARUYAMA, Toru. **Interpreting the interpreter**, p. 1-20, 1999,.Disponível em: <https://www.joao-roiz.jp/mtoyo/Sernancelhe/Maruyama/Baron-Maruyama-interpreting-interpreter.pdf> . Acesso em: 28 de abril de 2019.
- BARROS, Cândida; MARUYAMA, Toru. O perfil dos intérpretes da Companhia de Jesus no Japão e no Brasil no século XVI. In: **Fênix**, 4.4: Revista de História e Estudos Culturais, p. 1-17, 2007.

- BOXER, Charles Ralph. Padre João Rodriguez Tçuzu S.J. and his Japanese Grammars of 1604 and 1620. In: **Boletim de Filologia**. Lisboa: 11, p. 338-363, 1950.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. **Gramáticos portugueses do século XVI**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. Les premiers descriptions grammaticales du Portugais. In: AUROUX, Sylvain; KOERNER, Ernst Frideryk Konrad; NIEDEREHE Hans-Josef; VERSTEEGH, Kees (ed.). **History of the language sciences: an international handbook on the evolution of the study of language from the beginnings to the present**. Berlin-New York: Walter de Gruyter, vol. 1, p. 756-764.. 2000,
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. **O estudo das línguas exóticas no século XVI**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983. ESTÊVÃO, Tomás. **Arte da lingua Canarim**. Rachol: Collegio de S. Ignacio da Companhia de Jesu, 1640.
- FARIA, Manuel Severim de. **Discursos varios politicos**. Evora: M. Carvalho, 1624.
- FERNANDES, Gonçalo; ASSUNÇÃO, Carlos da Costa. First grammatical encoding of Japanese Politeness (17th century). In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, 13.1, p. 187-203, 2018..
- FIGUEIRA, Luis. **Arte da lingua brasilica**. Lisboa: Manuel da Silva, 1621?.
- FLORES FARFÁN, Jose Antonio. La variacion linguistica vista a traves de las artes mexicanas (con especial enfasis en el nahuatl). In: ZWARTJES, Otto; GREGORY, James; RIDRUEJO, Emilio (ed.). **Missionary Linguistics III: Linguística Misionera III. Morphology and Syntax**. Selected papers from the Third and Fourth International Conferences on Missionary Linguistics, Hong Kong/Macau, 12-15 March 2005, Valladolid, 8-11 March 2006. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p. 59-74, 2007..
- KLÖTER, Henning. Missionary documents as sources of historical sociolinguistics: Examples from China. In: **10th International Conference of Missionary Linguistics “Asia”**, Rome, 21-24 March 2018, Book of abstracts. Roma: Confutius Institute os Sapienza Università di Roma, p. 40, 2018..
- KISHIMOTO, Emi. The Process of Translation in Dictionarium Latino Ltisitanicum, ac Iaponicum. In: **Journal of Asian and African Studies**, 72, p. 17-26, 2006..
- KOSSARIK, Marina. A obra de Amaro de Roboredo. Questões de historiografia linguística portuguesa. In: ROBOREDO, Amaro de. **Methodo Grammati-**

- cal para todas as Linguas.** Ed. de Marina A. Kosarik. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 7-63, 2002..
- KOSSARIK, Marina. Amplificação dos fins da descrição da língua como fator da evolução do cânone gramatical (do cânone único à diversificação de tipos da descrição gramatical – obras portuguesas dos séculos XVI e XVII). In: ANTONELLI, Roberto; GLESSGEN, Martin; VIDESOTT, Paul (eds.). **Atti del XXVIII Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza** (Roma, 18-23 luglio 2016). Strasbourg: Éditions de Linguistique et de Philologie, vol. 2., p. 1672-1682, 2018<sup>a</sup>.
- KOSSARIK, Marina. Elaboração da problemática lexicológica em gramáticas, tratados e diálogos da língua dos séculos XVI e XVII. In: **Confluência** Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, Instituto da Língua Portuguesa, n. 55, p. 246-283, 2018<sup>b</sup>..
- KOSSARIK, Marina. Monumentos linguísticos portugueses dos séculos XVI e XVII. In: **Confluência**. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, Instituto de Língua Portuguesa, n. 25-26, p. 93-174, 2003.
- KOSSARIK, Marina. Na nascente das ideias do discurso, da gramática funcional comunicativa – obras missionárias (J. de Anchieta, L. Figueira, T. Estêvão) e de B. Pereira. In: **Confluência**. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, Instituto de Língua Portuguesa, n. 51, p. 22-43, 2016...
- KOSSARIK, Marina. Universalização de conceitos linguísticos como etapa da consolidação da ciência – contribuição dos filólogos portugueses In: **Confluência**. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, Instituto de Língua Portuguesa, n. 49, p. 162-200, 2015..
- KOSSARIK, Marina. Ensino de língua e formação de conceitos fundamentais da linguística moderna (monumentos portugueses anteriores a Port-Royal: obras de Amaro de Roboredo e gramáticas missionárias). In: ROMERO, Marta Negro; ÁLVAREZ, Rosario; MATO, Eduardo Moscoso (eds.). **Gallæcia**. Estudos de lingüística portuguesa e galega. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, p. 921-939, 2017.
- LIOCE, Nico; SWIGGERS, Pierre. Le manifeste linguistique de Geoff[roy]roy Tory [1529]: argumentation et terminologie. . In: FRYBA, Anne-Marguerite; ANTONELLI, Roberto; COLOMBAT, Bernard (ed.). **Congrès de Linguistique et de Philologie Romanes** (Nancy, 15-20 juillet 2013). Section 15: Histoire de la linguistique et de la philologie. Nancy: ATILF, p. 95-104, 2016. Disponível em: <http://www.atilf.fr/cilpr2013/actes/section-15>.

- MARUYAMA, Toru. Estudo da língua japonesa através dos documentos deixados pelos missionários portugueses dos séculos XVI e XVII – pensando o passado e o futuro da minha investigação. In: *Confluência*, 41/42: Instituto de Língua Portuguesa, 2011/2012, p. 64-79.
- MARUYAMA, Toru. Importância dos estudos recíprocos entre o japonês e o português dos séculos XVI e XVII. In: **Revista de Letras**. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, p. 56-73, 2006.
- MARUYAMA, Toru. Linguistic Studies by Portuguese Jesuits in Sixteenth and Seventeenth Century Japan. In: ZWARTJES, Otto; HOVDHAUGEN, Even. (eds.): **Missionary linguistics**: selected papers from the First International Conference on Missionary Linguistics, Oslo, 13-16 March 2003. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 141-161, 2004.
- MURU, Cristina. Early Descriptors and Descriptions of South Asian Languages from the 16th Century Onwards. In: **Journal of Portuguese Linguistics**, 17/1, p. 1-29, 2018.
- OLIVEIRA, Fernão de. **Grammatica da lingoaem portuguea**. Lisboa: Germam Galhardo, 1536.
- Rodrigues, Francisco. **A formação intelectual do Jesuita**: leis e factos. Porto: Magalhães e Moniz, 1917.
- RODRIGUES, João. **Arte da lingoa de Iapam** composta pello Padre João Rodriguez Portugues da Cõpanhia de Iesu dividida em tres livros. Nangasaki [Nagasaki]: Collegio de Japão da Companhia de Iesu, 1604-1608.
- RODRIGUES, João. **Éléments de la Grammaire Japonaise**. Trad. par C. Landresse. Paris: Librairie Orientale de Dondey-Dupré Père et Fils, 1825.
- Rodriguez, João. **Arte breve da lingoa Iapoa** tirada da arte grande da mesma lingoa, pera os que começam a aprender os primeiros principios della. Macao: Collegio da Madre de Deos da Companhia de Iesu, 1620.
- TASHIRO, Eliza Atsuko. As variedades do japonês nas Artes do Pe. João Rodrigues Tçuzu In: **Historiografia da Linguística Brasileira**, 7. São Paulo, CEDOCH - DL/USP, p. 199-224, 2004. Disponível em: [http://cedoch.fflch.usp.br/sites/cedoch.fflch.usp.br/files/u63/boletim7\\_199-224.pdf](http://cedoch.fflch.usp.br/sites/cedoch.fflch.usp.br/files/u63/boletim7_199-224.pdf). Acesso em: 28 de abril de 2019.
- ZWARTJES, Otto. **Portuguese missionary grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800**. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011.

- ZWARTJES, Otto. The historiography of missionary linguistics: present state and further research opportunities. In: **Historiographia Linguistica**, 39, 2/3, John Benjamins Publishing Company, p. 185-242, 2012.
- ZWARTJES, Otto; GREGORY, James; RIDRUEJO, Emilio (eds.). **Missionary Linguistics III: Lingüística Misionera III. Morphology and Syntax. Selected papers from the Third and Fourth International Conferences on Missionary Linguistics**, Hong Kong/Macau, 12-15 March 2005, Valladolid, 8-11 March 2006. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007.

Recebido em 29 de abril de 2019.

Aceito em 2 de setembro de 2019.